

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLET/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Chancarlyne Vivian

Psicóloga, mestranda em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Chapecó-Santa Catarina

Letícia de Lima Trindade

Professora Doutora, Docente do Departamento de Enfermagem e do Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária à Saúde da Universidade Estado de Santa Catarina e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Chapecó-Santa Catarina

RESUMO: a atividade docente tem sido amplamente discutida por inúmeros fatores que derivam desde a sua representatividade social até as repercussões causadas pelo ambiente laboral na subjetividade de cada indivíduo. A reconfiguração do mundo do trabalho exige novas formas de reconstituir-se docente, obrigando os profissionais a ressignificar as suas atuações e seu exercício de trabalho. Assim, este estudo objetiva apresentar reflexões acerca de situações que suscitam o prazer no trabalho docente, bem como as que provocam seu sofrimento, analisando essa relação a partir de uma revisão de literatura e de pensamentos oriundos da Psicodinâmica

do Trabalho. A literatura sinaliza para a singularidade na compreensão e vivências de prazer e sofrimento no trabalho, sendo o trabalho docente intensamente permeado por ambos, o que requer investigações contínuas e investimentos em ações que promovam o olhar de forma integral para o trabalhador/docente, bem como para seu ambiente e condições de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Docente; Prazer; Sofrimento.

ABSTRACT: a teaching activity has been widely discussed by numerous factors that derive from its social representativeness until as repercussions caused by the work environment in the subjectivity of each individual. The reconfiguration of the world of work requires new ways of becoming a teacher, forcing professionals to re-signify their actuations and their work. Thus, this study aims to present reflections about situations that provoke pleasure in teaching work, as well as those that cause their suffering, analyzing this relationship from a literature review and from the Psychodynamics of Work. Literature signals to the singularity in the understanding and experiences of pleasure and suffering in the work, being the teaching work intensely permeated by both, which requires continuous investigations and investments in actions that promote a comprehensive look at

the worker / teacher, as well as for their environment and working conditions.

KEYWORDS: Work; Teacher; Pleasure; Suffering.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho ocupa um lugar central no funcionamento psíquico e na construção da identidade das pessoas (DEJOURS, 2017). É por meio dele que o ser humano tem a possibilidade de realização, de expressão de competências e de integração social (ANDRADE; CARDOSO, 2012). No trabalho, as pessoas reconquistam relações verdadeiras com os outros, não só relações de amor; são relações de pertencimento, de coletivo, de cooperação, mas que contribuem para manter a identidade (DEJOURS, 2008). Além de que ele resulta em uma atividade de produção que ora transforma o mundo, ora permite que a inteligência e a criatividade humana se expressem (ALDERSON, 2004; DEJOURS, 2011).

O trabalho pode ser vivenciado como uma fonte de prazer, podendo desempenhar um papel na construção da saúde e no desenvolvimento humano e na realização ou como sofrimento, evidenciado em sentimentos como angústia, desgaste e desestímulo (DEJOURS, 2007). No que se refere às pessoas, o trabalho nunca é neutro, contribuindo tanto para a saúde quanto para o desgaste (DEJOURS, 2015).

As considerações sobre o papel do trabalho e sua importância na construção da identidade são extremamente produtivas para pensarmos a relação que os docentes estabelecem com o trabalho prescrito, aquele que é pensado, planejado em suas unidades de trabalho (SILVA; PIOLLI, 2017).

No mundo contemporâneo, a atividade docente tem sido amplamente impactada por muitos fatores que se originam da crescente valorização do trabalho intelectual; nesse aparato são incluídas as mudanças provenientes da reconfiguração do mundo do trabalho, avaliação de desempenho da educação superior no país e as exigências pela produtividade científica. Diante disso, cabe ao docente criar vínculos sociais, estimular a autonomia e a responsabilidade através de uma atividade teórico-prática, intelectual e administrativa (HOFFMANN et al. 2017). O docente que atua nesse cenário é responsável por identificar e gerir contradições, desafios, dilemas e possibilidades do seu trabalho, estando atento às mudanças e alimentando sempre questionamentos e avaliações no que tange a sua conduta e atuação profissional (DAVOGLIO; SPAGNOLO; SANTOS, 2017).

Além do mais, a docência requer a tarefa de desafiar, estimular e ajudar os estudantes na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que, em algum nível, atenda às necessidades que os estudantes tenham. Nesse sentido, também se tem a importância da competência profissional na escolha das ações a serem efetivadas (ANASTASIOU; ALVES, 2015).

Estudos apontam que os docentes universitários têm assumido cada vez mais múltiplas atividades com alto grau de exigência e responsabilidade, estando vulneráveis

à tensão psicológica e ao estresse excessivo, o que acaba afetando a saúde dos profissionais e, conseqüentemente, a qualidade do trabalho (OLIVEIRA; CARDOSO, 2011; DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2014). Os fatores de risco organizacionais acabam por comprometer a saúde dos docentes pela especificidade das atividades que desempenham (SERVILHA; ARBACH, 2011).

A docência no ensino superior requer profissionais que, mediante a capacidade de combinações de suas habilidades pessoais com as expectativas dos estudantes e exigências do ambiente, sejam capazes de garantir um aprendizado agradável e eficiente dos estudantes. É também nessa esfera de ensino que os profissionais se veem como fundamentais na construção dos indivíduos da sociedade (GIL, 2017).

Além disso, o contexto laboral docente tem sido invadido pelas novas estratégias de gestão advindas do mundo corporativo (SILVA; PIOLLI, 2017). As exigências de desenvolvimento contínuo de competências profissionais, práticas técnico-científicas, políticas e pedagógicas para o adequado exercício da função têm provocado sofrimento em suas práticas laborais (MARTINS; HONÓRIO, 2014).

Estudos acerca da saúde, desenvolvidos com docentes universitários, destacam que as condições de trabalho são responsáveis por importantes indicativos de influência na saúde dos docentes, salientando exaustão emocional como a principal consequência do processo laboral, entre outros efeitos do desgaste (FERREIRA et al. 2009; LIMA; LIMA FILHO, 2009; SILVÉRIO et al. 2010; ANDRADE; CARDOSO, 2012; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013; MARTINS; HONÓRIO, 2014; FREITAS, 2015; CORTEZ; SOUZA; AMARAL; SILVA, 2017; LEITE; NOGUEIRA, 2017).

Apesar da relevância de se compreender tais condições de exercício laboral, também é importante analisar os fatores que contribuem para sua adaptação aos respectivos contextos laborais, uma vez que isso poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual algumas pessoas reagem positivamente às condições de trabalho, enquanto outras não conseguem se ajustar satisfatoriamente a essas mesmas condições (GOMES et al. 2013).

Assim, este estudo objetiva apresentar reflexões acerca de situações que suscitam o prazer no exercício docente, bem como as que provocam seu sofrimento, analisando essa relação a partir de uma revisão de literatura, bem como do que se preconiza na Psicodinâmica do Trabalho. Este ressalta que a atividade laboral não só pode gerar o pior, em termos de degradação da saúde, mas também pode gerar o melhor como mediador privilegiado do desenvolvimento da personalidade, da construção da identidade e da conquista da saúde psíquica. O trabalho, como conjunto de atividades e relações, constitui-se em uma mediação essencial para autorrealização humana em termos de autonomia, saúde, ética e política (DEJOURS, 2013).

Sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho é compreendido como atividade mediadora privilegiada entre o campo social e a subjetividade e a atividade criativa que se põe além do que foi prescrito. O foco deixa de ser o que no trabalho leva ao adoecimento, mas, sim, o que no trabalho se opõe ao desejo, construindo,

assim, análises sobre a relação entre prazer, reconhecimento e trabalho, bem como uma compreensão não somente sobre o adoecimento no trabalho, mas também sobre o não adoecimento no trabalho (DEJOURS, 2011). Afinal, é o trabalho que oportuniza o relacionamento com o outro, que permite o florescer, sendo por meio dele que se pode apontar possibilidades de transformação no mundo contemporâneo (DEJOURS et al, 2018).

O caminho metodológico escolhido para o desenvolvimento desta contribuição foi a revisão de literatura de natureza qualitativa, mediante busca eletrônica de artigos sobre a temática, bem como a partir de um glossário de termos com base na Psicodinâmica do Trabalho elaborado a partir de leituras.

2 | O PRAZER NO TRABALHO DOCENTE

O prazer é conceituado pela *American Psychological Association (APA)* como a emoção ou a sensação induzida pelo gozo ou antecipação do que é sentido ou visto como bom ou desejável. No trabalho, ele se caracteriza pela satisfação derivada de realizar uma atividade, seja ela intelectual ou que satisfaz a curiosidade da pessoa. O prazer que resulta de fazer algo bem e que motiva as pessoas a darem o melhor de si em uma tarefa (APA, 2010). Além disso, o prazer advindo das condições do trabalho pode desempenhar um papel importante na construção da saúde (DEJOURS, 2017).

Estudos que discorrem sobre o prazer no trabalho embasados na Psicodinâmica do Trabalho retratam que, se há prazer no trabalho, esse prazer só pode advir do ganho obtido no trabalho justamente no registro da construção da identidade e da realização de si mesmo, afinal é o prazer que mobiliza e que coloca o trabalhador em busca de liberdade, reconhecimento, gratificação e valorização (MORAES, 2013; DEJOURS, 2015; HOFFMANN et al. 2017; TUNDIS et al. 2018).

O prazer do trabalhador começa quando, graças ao zelo, o trabalhador consegue inventar soluções convenientes (DEJOURS, 2012). O prazer extraído do sucesso do trabalho está ligado ao crescimento da subjetividade. Trabalhar não é apenas produzir, é também transformar a si mesmo (DEJOURS, 2012b). O prazer originado diretamente da atividade considera que o trabalho pode ser agradável, apesar deste envolver esforço e, por vezes, ser fonte de sacrifício e dor (DEJOURS et al. 2018).

O trabalho tanto pode gerar prazer quanto sofrimento, sendo que um não exclui o outro. Ambos são o resultado da combinação da história da pessoa com a organização do trabalho, sendo que o prazer resulta da vitória sobre a resistência do real. O trabalho deve proporcionar ao trabalhador uma mobilização subjetiva, uma atividade psíquica capaz de evitar o sofrimento e ressignificar sua relação com o trabalho (VIEIRA; MENDES; MERLO, 2013). Os sentimentos de prazer e o de sofrimento no e pelo trabalho são dialéticos e dinâmicos. Eles se encontram na dimensão subjetiva dos indivíduos, pois envolvem aspirações, valores, desejos e idealizações. Dependendo da forma como estão esculpidos, esses dois elementos, em confronto com as características

psicofísicas e sociais do trabalhador, podem emergir prazer ou sofrimento. Além disso, o mundo do trabalho e o ser humano apresentam caráter dinâmico, pois sofrem influência de aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que se apresentam mutáveis (OLIVEIRA et al. 2017).

A expressão Prazer no Trabalho é tratada pela Psicodinâmica do Trabalho, que define como mais do que uma vivência: o prazer é o princípio mobilizador da dinâmica que emerge dos contextos de trabalho. Uma das contribuições mais significativas é a articulação entre as dimensões psíquicas que envolve essa busca de prazer e a evitação do sofrimento e a dimensão coletiva do trabalhar (VIEIRA; MENDES; MERLO, 2013).

O prazer em psicodinâmica também pode resultar da sensibilidade de escuta, escutar para compreender o que vivencia o trabalhador em sua experiência do trabalho, as ramificações e a relação subjetiva que ele contempla (DEJOURS, 2017). A escuta possibilita a interpretação do que é verbalizado pela pessoa, é quando ela nomeia o que sente, sendo que essa capacidade de acessar ao que é falado é considerado um mediador essencial para a identificação de situações que ora geram prazer, ora desprazer, já que existem vivências que não são visíveis e mensuráveis (DEJOURS, 2015)

O prazer no trabalhar permite considerar que o trabalho não é uma desgraça socialmente determinada, mas pode, de fato, ser um edificador das identidades coletivas e individuais (DEJOURS, 2011). Essa relação estabelecida entre as repercussões do trabalho e a saúde no contexto docente é uma temática que vem mostrando avanços teóricos científicos no Brasil desde a década de 1990 (ANDRADE; CARDOSO, 2012). Porém, é importante sinalizar que as pesquisas que se dedicam ao trabalho docente e as transformações ocorridas nesse contexto são predominantemente de caráter reclamatório e contextualização sob um olhar histórico-político (HOFFMANN et al. 2017).

No fazer docente, a possibilidade de ajustar o cenário do trabalho aos próprios desejos, necessidades e individualidade é destacada como um importante mecanismo na edificação das vivências de prazer. A construção de experiências plenas no trabalho exige a mobilização do próprio trabalhador em direção à superação dos obstáculos. Quando é possível que os profissionais sintam o trabalho, bem como a si próprios em constante movimento, por intermédio das relações humanas e da construção teórica, isso contribui para a constante construção de perspectivas em relação ao fazer profissional, colaborando para o sentimento de prazer (SOUTO et al. 2017).

O sentimento de prazer é uma vivência subjetiva e está integralmente ligado à intimidade de experiências anteriores experienciadas pelas pessoas (DEJOURS, 2007; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2015). A busca por vivências de prazer em razão de uma história individual detentora de projetos de esperanças e desejos conflita com a organização de trabalho que por vezes ignora esses desejos, suprimindo a vivência de prazer (DEJOURS, 2015).

Na docência, os profissionais são capazes de desenvolver, mesmo com as adversidades do ambiente e as normas institucionais, estratégias internas e externas para a melhoria na qualidade de vida, resgatando a função social de prazer nas relações de trabalho. Além disso, acrescentam que há a possibilidade de promover a saúde e ressignificar as relações humanas com o trabalho (LEITE; NOGUEIRA, 2017). Os docentes entrelaçam os movimentos de tensão com estratégias adaptativas que, em vez de levá-los ao desânimo e estresse, têm proporcionado na sala de aula o prazer de ensinar (BARRETO, 2007).

As experiências de prazer sentidas no trabalho docente estão ligadas a aspectos de identificação com a atividade exercida (DEJOURS, 2007). Um trabalho livremente escolhido ou livremente organizado oferece, geralmente, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: o trabalho se torna, então, um meio de relaxamento, às vezes a tal ponto que uma vez a tarefa determinada, o trabalhador se sente melhor que antes de tê-la começado, nesse caso, o trabalho pode ser fonte de equilíbrio (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2015).

A revisão de literatura permite sinalizar que os sentimentos de prazer oriundos do trabalho docente se devem à boa relação que os docentes conseguem estabelecer com os estudantes, à identificação com a profissão, ao reconhecimento do seu trabalho pelos dos estudantes, à possibilidade de pesquisas, à autonomia que conseguem ter, à flexibilidade de tempo e também à identificação das atividades que desempenham (FREITAS; FACAS, 2013; CUPERTINO; GARCIA; HONÓRIO, 2015; TUNDIS et al. 2018). É quando o trabalhador se deleita sob uma sensação de liberdade perante as exigências impostas pela organização do trabalho que o prazer geralmente ocorre, afinal é nesse momento que ele negocia suas necessidades e desejos, o que o propicia o reconhecimento de sua contribuição no trabalho realizado (DEJOURS, 2011).

3 | O SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE

Para se compreender o papel que o trabalho ocupa na construção da identidade dos docentes, é preciso olhar para o papel dinâmico e mobilizador do sofrimento. O progresso científico, os novos modelos de produção e as novas técnicas de gestão não extinguiram o sofrimento no trabalho. Em conformidade com a Psicodinâmica do Trabalho, não é possível não haver sofrimento no trabalho pelo fato de que trabalhar é sempre atuar no sentido de modificar o real, sendo o sofrimento o resultado da contraposição entre o trabalho prescrito e o real do trabalho. Por isso, o trabalho tem efeitos poderosos sobre o sofrimento psíquico contribuindo seja para agravar o sofrimento, levando à loucura, ou, ao contrário, modificando o sofrimento, transformando-o em prazer (SILVA; PIOLLI, 2017).

Dependendo dos processos psicodinâmicos desenvolvidos no trabalhar, o sofrimento pode percorrer caminhos distintos. O primeiro destino possível é a criação

e a engenhosidade, situação em que o sofrimento se torna criativo, conduzindo à invenção de soluções para impasses, podendo atuar como mobilizador para mudanças, impulsionando para a busca de soluções, o que beneficia a organização do trabalho e também contribui para a realização pessoal (DEJOURS, 2007). O sofrimento não é necessariamente patogênico porque ele pode atuar como propulsor para mudanças. Quando a pessoa se depara com um problema, ela experimenta o fracasso e busca uma solução na tentativa de aliviar o sofrimento. Esse investimento subjetivo tem como meta a subversão do sofrimento em prazer (VIEIRA; MENDES; MERLO, 2013).

Por outra via, o sofrimento pode se tornar patogênico, quando a pessoa não encontra possibilidade de negociação entre a organização do trabalho e os seus conteúdos subjetivos, ficando impedida de exercitar sua capacidade criadora, nesse caso, persiste a vivência de fracasso, que, sendo prolongada, pode comprometer a saúde (DEJOURS, 2007). Nas práticas realizadas, percebe-se a transformação do sofrimento em adoecimento, quando a gestão do trabalho está relacionada a discursos coercitivos, que dominam e manipulam o fazer em uma relação de poder (MENDES; BOTTEGA; CASTRO, 2014).

Ao integrar essa realidade ao trabalho docente é fidedigno o sofrimento oriundo das exigências de produtividade e desempenho, indissociado da própria existência (HOFFMANN et al. 2017). As exigências excessivas associadas à falta de recursos, a burocratização do trabalho, a cultura de avaliação e a falta de tempo para si têm levado os profissionais ao adoecimento (PITA, 2010). Os docentes quando expostos ao excesso de trabalho, trabalho burocrático/administrativo, carreira profissional, relações e condições de trabalho e produtividade científica apresentam experiências de estresse elevado (GOMES et al. 2013).

O trabalho também provoca uma série de sofrimentos em razão de constrangimentos deletérios, como os constrangimentos de cadências ou de qualidade e os constrangimentos sociais de dominação, injustiça, desprezo, humilhação (DEJOURS 2008). Entender a influência do trabalho na qualidade de vida, na saúde mental, na geração de sofrimento psíquico, no desgaste e no adoecimento dos trabalhadores é fundamental para a compreensão e intervenção em situações de trabalho e para a superação e a transformação dos ambientes laborais (DEJOURS, 2011).

O processo e as condições de trabalho são os principais responsáveis pela construção do desprazer no trabalho. São, ainda, os fatores primariamente apontados como “perigosos” pelos trabalhadores. Entretanto, uma série de outros determinantes, da ordem da organização do trabalho, tem influência direta sobre a saúde do trabalhador, mais especificamente sobre sua saúde mental. São os determinantes “invisíveis” desse desprazer associado ao trabalho que, por sua natureza silenciosa e implacável, levam o trabalhador ao limite do processo saúde-doença (DEJOURS, 2011).

Estudos apontam que os maiores marcadores de sofrimento docente estão na sobrecarga de trabalho em virtude da diversidade e da quantidade de demanda, que

vão das orientações perpassando pela chamada cultura do produtivismo caracterizada pela aceleração das atividades, alienação e competitividade (GOMES et al. 2013; HOFFMANN et al. 2017; TUNDIS et al. 2018). Os danos causados pelo sofrimento no trabalho vão além do que aparece fisicamente, entre danos físicos e psicossociais estão a instabilidade afetiva e de humor, alterações de sono, falta de memória, dificuldades de concentração, dificuldades nas relações dentro e fora do ambiente de trabalho e alterações no apetite. Também são percebidos a ansiedade exacerbada e o uso de medicações. Esse sofrimento no trabalho tem levado as pessoas à retração e ao silenciamento, (MENDES; BOTTEGA; CASTRO, 2014; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2015).

O silenciamento interpretado como a adaptação, a integração do trabalhador na execução do seu trabalho, muitas vezes retrata uma solidão afetiva que se torna insuportável, desencadeando o surgimento de um tipo inteiramente novo de sofrimento no trabalho: a solidão psicológica que em momentos resulta em suicídios nos locais de trabalho (DEJOURS, 2017). Estudos que discorrem sobre essa linha tênue que atravessa as relações/condições de trabalho e as sintomatologias que acometem os trabalhadores delimitam essa nova configuração como mais uma das fontes de sofrimento ocasionada pelo trabalho (DEJOURS; BÉGUE, 2010; DEJOURS, 2017). O sofrimento no trabalho não se pode proceder a uma observação simples, é preciso, para ter acesso ao sofrimento, passar necessariamente pela palavra dos trabalhadores (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2015).

Apesar das novas formas de sofrimento encontradas no mundo do trabalho, pesquisas citadas por Heckert et al. (2001) dão conta de que estão ganhando contorno novas formas de organização do trabalho, Essas novas configurações na organização de trabalho pautadas na centralidade que o trabalho exerce na vida dos seres humanas vêm ganhando aprofundamentos teóricos na contemporaneidade (DEJOURS et al. 2018), assim como a reelaboração de situações de prazer e sofrimento laboral, não sendo vistos como suplementos de alma, mas como sentimentos que são estritamente indissociáveis do trabalho, além de subjetivos (DEJOURS, 2012; DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura apresentada neste estudo demonstra que as pesquisas acerca da temática requerem investigações que esmiúcem o contexto do trabalho docente a fim de olhar de forma integral para o trabalhador/docente, para seu ambiente de trabalho, para as condições que são dadas e finalmente para como cada pessoa lida com situações laborais específicas.

Nota-se também que ao passo que a maioria das pesquisas sobre a temática é de caráter reclamatório evidenciando no trabalho docente os fatores que geram

sofrimento, como o estresse ocupacional, a angústia, o desinteresse laboral, o cansaço mental dentre tantos outros sintomas, percebe-se a escassez de estudos que evidenciem as práticas docentes geradoras de prazer.

Entendendo que o prazer resulta de experiências subjetivas e que os estudos demonstram que há prazer na docência, sugere-se que novas pesquisas venham com o intuito de um aprofundamento teórico e prático também nessa temática.

É necessário, portanto, o desenvolvimento de estudos interdisciplinares que possibilitem uma melhor compreensão da dimensão psicossocial do trabalho, bem como de sua representatividade para a vida humana. Se é no trabalho que o ser humano pode encontrar o prazer, é nesse mesmo trabalho que não sabendo se adaptar ou desenvolver estratégias o ser humano pode ser acometido pelo sofrimento. No entanto, o processo de saúde docente e suas reações perante a realidade laboral atravessa uma linha tênue, sendo que os estudos sobre o prazer e o sofrimento docente precisam possibilitar investigações e intervenções nos locais de trabalho a fim de promover espaços mais saudáveis e fortalecedores de saúde mental.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Marie. **La psychodynamique du travail: objet, considerations épistémologiques et premisses théoriques**. Santé mentale au Québec. v.29, n.1, p.243-260, 2004.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA) **Dicionário de Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2010.1040p.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Lenoir Pessate. **Processos de Ensinagem na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: Editora Univille, 2015.

ANDRADE, Patrícia Santos; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a síndrome de *burnout*. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.21, n.1, p.129-140, 2012.

BARRETO, Maria da Apresentação. **Ofício, estresse e resiliência: desafios do professor universitário**. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2007.

CORTEZ, Pedro Afonso; SOUZA, Marcus Vinicius Rodrigues; AMARAL, Laura Oliveira; SILVA, Luiz Carlos Avelino. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2017.

CUPERTINO, Valéria; GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luiz Carlos. Prazer e sofrimento na prática docente no ensino superior: estudo de caso em uma IFES mineira. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.3, p.101-116, 2015.

DALAGASPERINA, Patrícia; MONTEIRO, Janine Kieling. Preditores as síndrome burnout em docentes do ensino privado. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v.19, n.2, p.265-275, 2014.

DAVOGLIO, Tércia Rita; SPAGNOLO, Carla; SANTOS, Betina Steren dos. Motivação para a permanência na profissão: a percepção dos docentes universitários. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.21, n.2, 2017.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **Trabalho, Tecnologia e Organização. Avaliação do trabalho submetido à prova do real**. São Paulo: Blucher, 2008.

DEJOURS, Christophe. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, C; ABDOUCHELLI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011, p.21-32.

_____. **Sexualidade e trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

_____. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012b.

_____. Sublimação entre sofrimento e prazer no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, Lisboa, v. 33, n. 2, p. 9-28, 2013.

_____. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Psicodinâmica do Trabalho: Casos Clínicos**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. **Suicídio e trabalho: o que fazer?** Sobradinho: Paralelo 15, 2010.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELLI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2015.

DEJOURS, Christophe; DERANTY, Jean-Philippe; RENAULT, Emmanuel; SMITH, Nicholas H. **The Return of Work in Critical Theory: self, society, politics**. New York: Columbia University Press, 2018.

FERREIRA, Elaine Maria. et al. Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente. **Revista da escola de enfermagem USP**, São Paulo, v.43, n.2, p.1292-1296, 2009.

FREITAS, Lêda Gonçalves; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 7-26, 2013.

FREITAS, Natiellen Quatrin. **Adoecimento Relacionado ao Trabalho de Docentes Universitários da Área da Saúde**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Santa Maria, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Antonio Rui; OLIVEIRA, Sílvia; ESTEVES, Anabela; ALVELOS, Mafalda; AFONSO, Jorge. Stress, avaliação cognitiva e Burnout: um estudo com professores do ensino superior. **Revista Sul Americana de Psicologia**, São Paulo, v.1, n.1, Jan/Jun, 2013.

HECKERT, Ana Lúcia. et al. A dimensão coletiva da saúde: articulações entre gestão administrativa-saúde dos docentes, a experiência de Vitória. In: BRITO, J. et al. **Trabalhar na escola? “só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: IPUB, 2001.

HOFFMANN, Celina; ZANINI, Roselaine Ruviano; MOURA, Gilnei Luiz de; COSTA, Vânia Medianeira Flores; COMORETTO, Emanuely. **Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério**

superior. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.31, n.91, 2017.

LEITE, Andrea Ferreira; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Fatores condicionantes de saúde relacionados ao trabalho de professores universitários da área da saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.42, n.6, p. 1-15, 2017.

LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; LIMA FILHO, Dario de Oliveira. Condições de trabalho e saúde do(a) professor(a) universitário(a). **Ciências & Cognição**, v.14, n.3, p.62-82, 2009.

MARTINS, Andréa Arnaut Vieira; HONÓRIO, Luiz Carlos. Prazer e Sofrimento Docente em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Minas Gerais. **Revista O&S**, Salvador, v.21, n.68, p.835-852, 2014.

MENDES, Ana Magnólia; BOTTEGA, Carla Garcia; CASTRO, Thiele da Costa Müller. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho de Professores: práticas em saúde do trabalhador**. Curitiba: Juruá, 2014.

MORAES, Rosângela Dutra. Estratégias de Enfrentamento do sofrimento e conquista do prazer no trabalho. In: MERLO, A. R. C. MENDES, Ana Magnólia; MORAES Rosângela Dutra. O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia (p. 175-186). Curitiba: Juruá. 2013.

OLIVEIRA, Maria das Graças Marrocos de; CARDOSO, Cármen Lúcia. Stress e trabalho docente na área da saúde. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.28, n.2, p.135-141, 2011.

OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht de; ALMEIDA, Caroline Muller; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; PIRES, Ariane da Silva; MADRIAGA, Luiz Carlos Veiga. Prazer e Sofrimento no Trabalho: Perspectivas de Docentes de Enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v.31, n.3, p. 20-29, 2017.

PITA, Marina. Estresse laboral, assédio moral e *burnout* marcam produtivismo. **Revista ADUSP**, p14-21, 2010.

SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin; ARBACH, Máryam de Paula. Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do trabalho. **Revista distúrbios de comunicação**, São Paulo, v.23, n.2, p. 181- 191, 2011.

SILVA, Arnaldo Valentim; PIOLLI, Evaldo. A Centralidade na Psicodinâmica de Christophe Dejours, O Campo Educacional e o Trabalho Docente: Aproximações Possíveis. **Devir Educação**, v.1, n.1, p. 50-65, 2017.

SILVÉRIO, Maria Regina; PATRÍCIO, Zuleica Maria; BRODBECK, Ingrid May; GROSSEMAN, Suely. O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v.34, n.1, p.65-73, 2010.

SOUTO, Bruna Lecintia Carpes; BECK, Carmem Lúcia Colomé; TRINDADE, Liliane Ribeiro; SILVA, Rosângela Marion da; BACKES, Dirce Stein; BASTOS, Rodrigo Almeida Bastos. O Trabalho Docente Em Pós-Graduação: Prazer e Sofrimento. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v.7, n.1, p.29-39, 2017.

TUNDIS, Amanda Gabriella Oliveira; MONTEIRO, Janine Kieling; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DALENOGARE, Franciele Santiago. Estratégias de mediação no trabalho docente: um estudo em uma universidade pública na amazônia, **Educação**, Belo Horizonte, v.34, 2018.

VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013.

VILELA, Elena Fátima; GARCIA, Fernando Coutinho; VIEIRA, Adriane. Vivências de Prazer-sofrimento no Trabalho do Professor Universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **Revista eletrônica de administração**, Porto Alegre, v.75, n.2, p.517-540, 2013.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.